

**INSÍDIAS DA ALTERIADE**  
**o olhar do europeu sobre a América na (re)figuração da *imago mundi***  
**(séculos XV e XVI)**

*Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva* (UEPB)

**Resumo:**

O presente trabalho discute as interpretações construídas pelos europeus sobre a América, a exemplo da (re)figuração da *imago mundi*, conforme executada no encontro com o longínquo, com o inóspito, com o inédito e com o Outro. A compreensão é a de que não se deve buscar nas narrativas de viagem a fidedignidade do relato em face aos referentes descritos, mas o modo pelo qual as características simbióticas de ver e interpretar o real lograram significações literárias e interculturais, a partir de uma rede discursiva de interesses e domínios. Assim, os *diários de bordo e as cartas* (2001), de Colombo, bem como *O Paraíso Destruído* (2001), do Frei Bartolomé de Las Casas, são os objetos de apreciação para a investigação das relações entre memória, tradição e imaginário colonial.

**Palavras-chave:** Memória. Tradição. Processos Interculturais. América. *Locus* de enunciação.

**1 Introdução**

*Só agora, com o nosso conhecimento retrospectivo, podemos ver o óbvio: nada que possa ser medido pode permanecer imenso; toda medição reúne pontos distantes, portanto, estabelece proximidade onde antes havia distância. Os mapas e as cartas de navegação das primeiras etapas da era moderna anteciparam-se às invenções técnicas mediante as quais todo o espaço terrestre se tornou pequeno e próximo. Antes do encolhimento do espaço e da abolição da distância por meio de ferrovias, navios a vapor e aviões, deu-se o encolhimento infinitamente maior e mais eficaz resultante da capacidade de observação da mente humana, cujo uso de números, símbolos e modelos pode condensar e diminuir a escala da distância física da Terra a um tamanho compatível com os sentidos naturais e a compreensão do corpo humano. Antes que aprendêssemos a dar a volta ao mundo, a circunscrever em dias e horas a esfera da morada humana, já havíamos trazido o globo à nossa sala de estar, para tocá-lo com as mãos e fazê-lo girar diante dos olhos.*

(ARENDDT, Hannah. *A Condição Humana*. 2005, p 262).

No evento da conquista da América, o ‘milagre’ confirmava uma narrativa edificada, engendrada na retórica do descobrimento, através da atualização de remotas representações coletivas, insufladas por toda uma tradição – oral e escrita – de um passado consumado, que ali era recobrado. O achamento do Outro era, na verdade, o descobrimento do Mesmo, as possibilidades de enriquecimento do Mesmo e a glória enredada das virtudes do expansionismo. É certo que o imperativo civilizador sujeitava o Outro às condições do Mesmo, entretanto, esse transbordamento de realidade foi imprescindível para o surgimento de uma nova temporalidade. A América se tornou, assim, a encarnação imediata de uma nova conjuntura histórica.

O mundo ocidental esclarecia-se através de um pensamento originário que classicizava o gosto ao modelo greco-romano e justificava a prosperidade como desígnio divino. De fato, o europeu narrou a conquista da América porque a transição

XIII Encontro da ABRALIC  
*Internacionalização do Regional*

10 a 12 de outubro de 2012  
UEPB/UFCG –Campina Grande, PB

do mundo medieval para o mundo moderno encadeou um discurso de ancoragem nos primórdios da existência, que conduzia para sua única verdade: **nós podemos porque sabemos e sabemos porque nos foi assim concedido.**

Nesse cenário histórico propício às fantasias de ordem variada, consideramos a apreciação imaginativa de Cristóvão Colombo, a retomada de uma nova Idade de Ouro e, por fim, as considerações sobre o temperamento indígena, em sua defesa, desenvolvidas pelo frei dominicano Bartolomé de Las Casas.

## 2. O olhar do conquistador: memória de predição

A viagem era demasiadamente cansativa, constatou Cristóvão Colombo em *Diario de a Bordo*; os homens reclamavam de seu comprimento, enquanto o almirante procurava consolá-los do melhor jeito possível, *dándoles buena esperanza de los provechos que podrían haber*. Talvez, outro relato do descobrimento não execute com tanta clareza as expectativas alimentadas pelos conquistadores de se locupletarem em face da nova rota traçada.

(Quarta-feira, 10 de outubro): Colombo se assustava com a possibilidade de um motim, já que a angústia e o medo da tripulação cresciam pela certeza de que o mundo era plano e, a qualquer hora, eles poderiam sucumbir num precipício sem fim à medida que as caravelas singravam o mar a Oeste. Além do mais, crescia a aflição de que naquela região o mar fosse demasiadamente pequeno e que, não sendo varrido por fortes ventos, a calmaria se estendesse de forma a impedi-los de regressar à Espanha.

Afastando o assombro das feras marinhas, a descoberta da América ampliou o mundo ocidental como um prolongamento espontâneo da convenção de seu próprio domínio. A realidade imediatamente tornava-se outra, apropriando-se de um manifesto incomensurável, de desmedida exuberância, incapaz de ser depressa apreendido, catalogado ou associado ante algum condicional prévio. A natureza se revelara farta como jamais vista. Talvez, instalada em algum recôndito da memória, a virgem paisagem – tão encerrada em si – pudesse confundir-se com outras compreensões de paraíso. Mas, em se tratando do inédito, careciam palavras e indicadores para analogias imediatas, sendo preciso, então, apenas contemplar: *Esta isla es bien grande y muy llana y de árboles muy verdes y muchas aguas y una laguna en medio muy grande, sin ninguna montaña, y toda ella verde, que es placer de mirarla*.

Assim, Colombo, em *Diário e Carta*, “foi o primeiro a desvendar [o mar] à imaginação e interesse do europeu” (Ferreira, 1959: 12-23), pois não só cruzara a incógnita da época (o oceano) como também revelara as maravilhas da nova terra: das aves, dos frutos, das ilhas, dos peixes. Na Europa, a América logo se confundia com ‘riqueza’, ‘abundância’, ‘fartura’. Mas, ao cumprir sua matéria de forma imaginativa, o almirante tornou-se:

(...) o primeiro cronista a contribuir para o incremento dessas discussões, como também para a criação de obras que tratam de problemas surgidos com a oposição em evidência no seu tempo: a natureza e a cultura; o homem natural e o homem civilizado.

As descrições de Colombo deveriam informar com utilidade as novidades encontradas, demonstrando a praticidade de buscar o proveito máximo que se pudesse das ilhas extrair. Para tanto, o seu relato comportava elementos de tradições literárias

européias que, a seu proveito, ora ligavam-no ao Renascimento, ora ao mundo medieval,

XIII Encontro da ABRALIC  
*Internacionalização do Regional*

10 a 12 de outubro de 2012  
UEPB/UFCG –Campina Grande, PB

recuperando lendas e lugares fantásticos como justificativa encantadora para proferir a explorabilidade dos lugares descritos.

As referências medievais – de fim de mundo, de abismos, de monstros marinhos –, na medida em que foram desmistificadas, foram também, ironicamente, reanimadas à emergência das implantações de um novo tempo e espaço.

Estando intimamente ligada à escatologia medieval, a cosmogonia ocidental, re-postulada com a recém Modernidade, deu coerência aos discursos de fundação através do ‘pacto sanguíneo’ entre sucessivas gerações, como unidade inalienável de poder e de saber.

Foi dessa forma que o classicismo desativou a ambivalência do ‘monstruoso medieval’ – particularmente, a de sua via negativa – quando a via positiva se fortaleceu. Segundo Sérgio Bellei (2000, p. 16-7), “como forma hegemônica de conhecimento”. O real passando a ser representado pelo escrutínio técnico do olhar logo desprezou a via negativa do monstruoso, porque se tornou inútil mostrar além do que fosse o fidedigno.

Desse modo, o olhar de ingenuidade dos primeiros cronistas e viajantes foi rapidamente substituído por “um olhar do poder, um olhar das utopias, um olhar da desilusão e um olhar da má-fé”, em cujas **Viagens de Expansão**, a ação imperava, numa atitude contemplativa que “funda, condiciona e dirige o ver” (CORREIA, 2003, p. 11-3).

Conseqüentemente, o olhar dos navegadores cedeu lugar ao dos viajantes exploradores que cedeu, por sua vez, lugar ao racismo: “construído a partir das diferenças antropológicas, de que se tiraram graves ilações sociais e morais, pretensamente científicas” (CRISTÓVÃO, 2003, p. 280).

Então, o grito **Terra!**, supostamente emitido por Rodrigo Triana, revelaria no mar-sem-fim a Ilha de *Guanahaní*, que para Castela passara, então, a se chamar *San Salvador*. O ato fundador da América tem como pano de fundo um princípio religioso e comercial sem grandes percalços, porque os dois comandos se unem em conformidade à expansão mercantil e cristã, ao passo que novas rotas eram traçadas e novas almas surgissem aptas à conversão; no momento em que o Ocidente fora convictamente buscado no Oriente e a terra, à frente das caravelas, alimentou a imaginação criadora sob a percepção de um mundo, enfim, redondo.

Por isso, a chegada de Colombo à Ilha de *Guanahaní*, nas Bahamas, em 12 de outubro de 1492, foi um fato que mereceu logo uma carta, anunciando ao Rei Fernando de Espanha a chegada da esquadra às Índias, designando a graça divina de ali chegar e também comentando a posse das ilhas encontradas que, sem qualquer resistência, eram dadas em nome do reinado espanhol; e, tão logo as encontrando, todas elas eram nomeadas:

Señor, porque sé que habréis placer de la gran victoria que Nuestro Señor me ha dado en mi viaje, vos escribo ésta, por la cual sabréis como en 33 días pasé de las islas de Canaria a las Indias con la armada que los ilustrísimos rey y reina nuestros señores me dieron, donde yo hallé muy muchas islas pobladas con gente sin número; y de ellas todas he tomado posesión por Sus Altezas com pregón y bandera real extendida, y no me fue contradicho. A la primera que yo hallé puse nombre San Salvador a conmemoración de Su Alta Majestad, el cual maravillosamente todo esto ha dado; los Indios la llaman Guanahaní; a la segunda puse nombre la isla de Santa María de Concepción; a la tercera Fernandina; a la cuarta la Isabela; a la quinta la isla Juana, y así a cada una nombre nuevo (COLOMBO).

XIII Encontro da ABRALIC  
*Internacionalização do Regional*

10 a 12 de outubro de 2012  
UEPB/UFCG –Campina Grande, PB

Na compreensão de Alfredo Cordiviola (2005, p. 63-4), não é na condição de árbitro que, sob os critérios da verossimilhança, podemos exigir uma apreciação fiel dos relatos de viagens, contabilizando deslizes ou exaltando oportunamente o que tão-somente compreendia “as peculiares simbioses entre os modos de ver o real e os modos de interpretar o real que pautam as descrições de Colombo”. Essa negociação dá-se entre o aparente e as fontes do pensamento, que logram significação a partir de uma densa trama discursiva, na qual são confundidos “o que é com o que deveria ser, e onde a conjectura se torna tão certa quanto os irrefutáveis contornos do perceptível”. Assim, encontramos nos relatos de Colombo um processo pelo qual a imaginação e a percepção se contrabalançam, numa constante e paradoxal referência de mitigação e reiteração do “antagonismo que as une e as separa [...] (exibindo) formas distintivas e complementares de uma *visão*, palavra que alude por igual à apreensão do fenômeno, à opinião, à fantasia, à iluminação e à quimera”.

Colombo encontrou na América do Sul uma geografia adequada para o que fora anunciado nas Escrituras Sagradas e conseqüentemente, dada a analogia feita e os interesses em jogo, reputou as terras ao Sul, com os desígnios que lhe serviram de argumento. Ainda segundo Cordiviola, ele compilou em *razones y autoridades*, ou *Libro de las Profecias*, durante o percurso de sua terceira viagem, as confirmações irrefutáveis que, no trajeto, corroboravam revelações prenunciadas. O almirante genovês deu sentido às suas anotações “a partir de um trabalho intelectual de recorte, meditação, e interpretação”, através do qual fundamentou “um roteiro capaz de guiar e dar sentido a suas peregrinações pelo desconhecido”. Sobre o presente, o passado e o futuro, *el Libro* subsidia explicações do devir, com referências aos textos dos “Salmos, excertos dos Apóstolos, de Santo Agostinho, de Jeremias, de Isaías, do Gênesis e do Apocalipse” (CORDIVIOLA, 2005, p. 68-9).

Dessa maneira, ao anunciar o **terra à vista!**, alguma referência adormecida despertava, insinuando surpreendentemente, uma atmosfera estranha e longínqua que, a despeito de reconhecimentos seguros, fundava a Modernidade ocidental como promessa, ao mesmo tempo, de prosperidade e reencontro com algum significado imemorial. Ora, o desdobramento do Mesmo refratava num Outro tão ‘desalmado’ quanto ‘incivilizado’. Era, pois, um desterro de cultura, de história e de memória o que se encontrava ali, porque não só a *natura* sobejava como também preponderava, na perspectiva dos conquistadores, uma ‘diferença’ ainda pouco elaborada quando, de fato, confinada à condição estrita de ‘gentio’ ou de ‘bárbaro’.

Foi sobre esse Outro, estranho às faces da inclusão, que ocorreram alusões às benesses para o mundo mercantilista europeu. O acúmulo de riqueza conciliava-se com o avanço do mundo cristão pelo convencimento de que, para conquistar o paraíso celestial, era preciso uma nova cruzada, moderna, humanista e sob os parâmetros da Renascença. Criavam-se, portanto, condições para legitimar a espoliação, a escravização e outras espécies de abuso: *Ellos ser Buenos servidores y de buen ingenio, que veo que muy presto dicen todo lo que les decía, y creo que ligeramente se harian cristianos* (COLOMBO).

## 2.1. De volta, a Idade de Ouro

O continente americano, como o sonho de um novo Paraíso com outro Adão, serviu de morada para os indesejados do Velho Continente. Foi conveniente a

relevância dos dois paraísos – um para a morte e um-outra para o futuro –, pois que

XIII Encontro da ABRALIC  
*Internacionalização do Regional*

10 a 12 de outubro de 2012  
UEPB/UFCG –Campina Grande, PB

surgiram os primeiros enlaces do brotar de um novo tempo: o caminho para o futuro é a reorganização do passado e seu legado deve condicionar as esperanças na riqueza, na formação e na urbanização. De outro modo, por contraposição à pobreza, à ignorância e ao campesinato. Aos poucos, o modo de produção feudalista ia sendo suplantado por um capitalismo embrionário, mercantil e reformista, que fez suceder uma nova ordem intimamente ligada às benesses materiais e simbólicas que o Novo Mundo permitia.

De acordo com Pierre Brunel (1998, p. 474-6), o mito da **Idade de Ouro** é a princípio “ligado a sua dimensão religiosa”, mas – incorporando elementos em sua desenvoltura no Ocidente – transmigra para uma elaboração estética, quando o sagrado é profanado através de um arcabouço literário que o reveste de filosofia e de política. Dessa forma, ele é ilustrado pela tríade **paz / abundância / justiça**, cuja articulação de legitimidade com o núcleo do mito fundamental propicia sua sobrevivência. A variante greco-romana da Idade de Ouro se infiltra noutra concepção, a judaico-cristã, para servir de fundação à raça humana, preservando-lhe uma moral genealógica que, através de heranças edificadas, defendeu seu modelo ético para o Ocidente.

Conforme Sérgio Buarque de Holanda (1996, p. 167), ao descobrimento da América, o paraíso do *gênese* é re-confabulado aos poucos pelo anexo de “reminiscências dos Campos Elísios, da Idade de Ouro virgiliana ou ovidiana” – entre outras –, comportando, contraditoriamente, tradições aparentemente inimigas, oriundas das crenças do paganismo e das Sagradas Escrituras. Afinal, a construção de um panorama edênico, como reconstituição dos jardins celestiais na terra, só foi compatível com os ideais humanistas do Renascimento frente à convergência de tradições heterogêneas. A memória mais distante e a recente serviram de combustível para a reafirmação das glórias pretéritas como caminho natural de sua evolução, ao passo que, através da virtude, da esperança e da determinação expansionista, mantinham-se acesas as chamas da difusão de sucesso através da ideia de **concessão divina**.

Com isso, podemos ressaltar que a origem da América, como ampliação da Modernidade ocidental, foi também uma fábula da unidade expansionista, porque “o século XVI [segundo Todorov (1999, p. 6)], veria perpetrar-se o maior genocídio da história da humanidade”. E, dessa forma, a consagração da Modernidade tem como consequência a dizimação da América.

Seja através do prestígio divino, patriótico ou técnico, a ocidentalização do Novo Mundo e de todo o resto dele [como também pensa Edward Said] é uma empresa que perdura até hoje. Para Todorov, nas descobertas de outros continentes e povos, não houve “este sentimento radical de estranheza”. Isso porque a memória de outras localidades distantes ainda ressoava no imaginário europeu. Mas, a da América, não. Ali, a novidade vicejava. Por isso, continua dizendo o autor, o ano de 1492, ainda que arbitrário, é o mais representativo para a indicação da era moderna; é, portanto, “a conquista da América que anuncia e funda nossa identidade presente”, logo após o momento da travessia do Atlântico, feita por Colombo.

Na chamada “Carta raríssima”, datada de 7 de julho de 1503, o próprio Colombo (*Apud*. Todorov, 1999, p. 8) declara: “neste tempo tão novo e a nenhum outro igual”; e, ainda, “o mundo é pequeno”. Tais enunciados salientam o todo geográfico enfim conhecido. Tal descoberta era, por si, demais provocadora, uma vez que animava os ímpetos colonialistas. E, a contento, “a necessidade de dinheiro e o desejo de impor o verdadeiro Deus não se excluem”. Segundo Todorov, um estará subordinado ao outro.

O cenário histórico da conquista da América é um fato que expande o desejo conquistador, pois leva a Europa ocidental “a fazer a conquista das almas, dos corpos e

dos territórios do Novo Mundo” (GRUZINSKI, 2003, p. 63; 100), como ensaio de

XIII Encontro da ABRALIC  
*Internacionalização do Regional*

10 a 12 de outubro de 2012  
UEPB/UFCG –Campina Grande, PB

desbravamento e catequização de outras localidades e raças. Para a Europa do Renascimento, “reproduzir o Ocidente era reproduzir suas técnicas”. Desse modo, era preciso evangelizar os índios, numa cristianização em moldes renascentistas, impondo o estilo de vida ocidental à crescente necessidade de adequação do discurso da Fé ao Novo Mundo como dramatização de superioridade e benevolente missão civilizadora.

Carvalho (1994, p. 386) lembra que a América descoberta aumenta “a possibilidade de confronto, de espelhamento e de experiência do Outro, por extensão de si mesma”. Desde o ‘descobrimento’, ocorreram exigências para a realização de narrativas de viagens, pois se instalara, concomitantemente, um novo campo intelectual que precisava ser instigado pelo “relato do distante, do inóspito” e, em contrapartida, relacionando-se a todos os outros gêneros existentes, fossem eles de inclinação imaginária ou não.

Não alterando o suporte da tradição, a descoberta da América ampliou seu campo semântico de atuação, a reboque de um tempo suspenso, marcando a temporalidade do Novo Mundo, através da qual a **Ilha** cristalizava a ideia de paraíso – espaço neutro de cruzamentos e variadas buscas (cf. Paz, 1996: 46). A América, portanto, foi a Ilha de atuação emblemática, no que concerne à antiga ideia de um único continente – Europa, África, Ásia –, para uma configuração alteritária de um novo tempo/espaço. Se as grandes navegações e a descoberta desse novo tempo fizeram com que o europeu projetasse suas fantasias sobre o desconhecido, na tentativa de equipará-lo, é porque ele, segundo Carvalho, “viu tão somente aquilo que *ouvira*”.

Por outro lado, Leopoldo Zea (1993, p. 14) assinala que *situado entre el mito y la utopía la realidad de América Latina participa de ambos y justamente por ello no se aparta del mundo de las ideas*.

## 2.2. A ingenuidade indígena, conforme Las Casas

O temperamento do índio era considerado como estando em harmonia com a natureza, aliás, como uma expressão quase autêntica dessa. Pois descrito e animado por sua boa-fé em servir sem maiores problemas, o indígena terminou desabonado de complexidade em muitos relatos; foi reduzido à mera passividade por não possuir espírito refinado e/ou postura refratária à adversidade inimiga.

Essas questões salientam que, embora o Frei Bartolomé de Las Casas (*in. O Paraíso Destruído*, 2001) denuncie impetuosamente as brutas condições a que foram sujeitados os povos indígenas, acurando inclusive de classificar as atitudes espanholas como sendo bárbaras, isso não significa, de outro modo, um ponto de vista plenamente constituído dos autóctones.

E nem poderia! A imperícia do indígena para o conflito seria quase modorrenta frente ao próprio infortúnio, algo inclusive divergente da condição instintiva de preservação que todo ser vivo tem. Portanto, sua inclinação à catequização não pode ser aceita como natural, como uma predisposição orgânica à cristianização:

Todas estas universas e infinitas gentes a toto genero crió Dios los más simples, sin maldades ni dobleces, obedientísimas, fidelísimas, a sus señores naturales e a los cristianos a quien sirven; más humildes, más pacientes, más pacíficas e quietas, sin rencillar ni bollicios, no rijosos, no querulosos, sin rancores, sin odios, sin desear venganzas, que hay en el mundo [...] Son eso mesmo de limpios e desocupados e

vivos entendimientos, muy capaces y dóciles para toda buena doctrina,

XIII Encontro da ABRALIC  
*Internacionalização do Regional*

10 a 12 de outubro de 2012  
UEPB/UFCG –Campina Grande, PB

aptísimos para recibir nuestra sancta fé católica, e ser dotados de virtuosas costumbres, e las que menos impedimentos tienen para esto que Dios crio en el mundo (LAS CASAS).

A aptidão dessas gentes obedientes e pacíficas em receber o que Las Casas denominou de *sancta fe católica* revela uma predisposição natural inabilitada para a decisão do próprio destino. Por isso, o frade dominicano não poderia aceitar a violência cometida contra essas gentes dóceis e favoráveis a *toda buena doctrina*.

Falo sobre Las Casas nessa perspectiva, porque foi exatamente a violência que assegurou a adesão ao cristianismo, através da descosmificação dos rituais locais – com a destruição das esculturas sagradas e artefatos religiosos. Nas cinzas, restaram os escombros e fragmentos de uma coesão mutilada e sem recuperação. Serge Gruzinski (2003, p. 84) lembra-nos que a assolação trouxe definitivamente “a prova da impotência radical dos antigos deuses”.

Deste modo, a dessacralização acelerou o processo de aceitação de ritos cristãos, porque causou uma irreversível desorientação através da “interrupção definitiva dos grandes ciclos cerimoniais”. Houve uma perda de referenciais sem prévias e à inteira mercê de um novo tempo cada vez mais regulado por critérios exógenos.

Por causa da colonização do continente americano, muito se debateu nas cortes e claustros espanhóis – a partir da década de 1530 – sobre *Os dilemas Éticos da conquista*. Cordiviola, nesse artigo, lista uma série de assuntos que foram discutidos calorosamente pela teologia e direito da época com o propósito de delimitar a justeza da ocupação: sobre a licitude da presença espanhola no continente americano, sobre a usurpação, sobre a violência, sobre a imposição da fé cristã, sobre a legitimidade da guerra, da retórica preparada contra a idolatria, contra os sacrifícios humanos e contra o canibalismo, entre outros aspectos que ressoavam nas denúncias dos missionários que testemunharam as atrocidades cometidas contra as populações indígenas.

Para Alfredo Bosi (1992, p. 377), o processo colonial, ao mesmo tempo material e simbólico, conferiu uma dialética cujas “práticas econômicas dos seus agentes estariam vinculadas aos meios de sobrevivência”, abarcando a memória, os modos de representação de si e do outro, os desejos e as esperanças, na união de trabalhos, cultos, ideologias e culturas, que se organizam por “determinantes positivos de ajuste, reprodução e continuidade”.

Serge Gruzinski (2001, p. 93-4), por sua vez, aponta-nos que a ocidentalização empreendida pela Europa do Renascimento cobre um vasto conjunto de dominação que é introduzido no Novo Mundo: “a religião católica, os mecanismos do mercado, o canhão, o livro ou a imagem”. Através desse conjunto, o desejo foi normalizado de acordo com os códigos civilizatórios, edificando réplicas da sociedade que muitos já haviam deixado para trás, transferindo, assim, o regimento da modernização para o outro lado do Atlântico, através “dos imaginários e das instituições do Velho Mundo”. As pautas administrativas coloniais logo deixavam de atender às demandas populares.

### **Considerações finais**

Nesse cenário de replicação do discurso civilizador, o *locus* de enunciação é fundamental para escrutinar a condição de ser/estar no mundo, especificamente, no que agencia o desejo político do Outro. Segundo Walter Mignolo (2003, p. 35-6), no que concerne às margens políticas da Modernidade, não é a busca de salvação num sentido

demiúrgico e messiânico que constituiu a redenção latino-americana, todavia, é num

XIII Encontro da ABRALIC  
*Internacionalização do Regional*

10 a 12 de outubro de 2012  
UEPB/UFCG –Campina Grande, PB

sentido de descolonização e de transformação intelectual que se pode alterar a “rigidez de fronteiras epistêmicas e territoriais estabelecidas e controladas [...] durante o processo de construção do sistema mundial colonial moderno” (da conquista da América aos dias atuais).

Ao longo do processo colonialista, fortaleceu-se o condicionamento de uma vasta e crescente “subalternização do conhecimento” que, ao apelo de uma **outra lógica** ou de uma **outra consciência** para a América Latina, vem sendo

(...) radicalmente transformado por novas formas do conhecimento para as quais o que foi subalternizado e considerado interessante apenas como objeto de estudo passa a ser articulado como novos *loci* de enunciação (MIGNOLO, 2003, p. 36).

Ou seja, a razão subalterna procura topicalizar a criatividade de saberes subalternos, através do longo tempo de colonização que consolidou, respectivamente, a Modernidade e a razão edificada de sua manutenção. Portanto, o imaginário europeu, em certa medida, serviu à base de nossa pertença latina e americana, a despeito das investidas contra as formas de domínio e controle social, através desse aporte geográfico e político, de almas e corpos devidamente enquadrados num rígido esquema de atribuição exógena de sentidos (heteronomia) às produções simbólicas e materiais, internalizadas nas Américas.

### Referências Bibliográficas

ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10 ed. [Trad. de Roberto Raposo] Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. **Monstros índios e Canibais: ensaios de crítica literária e cultural**. Florianópolis: Insular, 2000.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRUNEL, Pierre (org.). **Dicionário de Mitos Literários**. 2 ed. [Tradução de Carlos Sussekund *et al.*] Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

CARVALHAL, Tânia Franco. O Averso da Utopia, In. **América: ficção e utopia** [Orgs. José Carlos Sebe Bom Meihy & Maria Lúcia Aragão]. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: EDUSP, 1994. (América, raízes e trajetórias; v.1).

COLOMBO, Cristóvão. [s/d] **Diario del a bordo de la primer viaje**.  
[http://www.ideasapiens.com/textos/América/diario\\_%201viaje\\_%20america.htm](http://www.ideasapiens.com/textos/América/diario_%201viaje_%20america.htm).  
Acesso 01.08.2007.

\_\_\_\_\_. **Diários da descoberta da América: as quatro viagens e o testamento**. [Trad. Milton Person] Porto Alegre: L&PM, 2001.

CORDIVIOLA, Alfredo. Os Dilemas éticos da conquista, [Versão CD-ROM] in.  
JOACHIM, Sébastien (Org.). **Anais do Colóquio Cidadania Cultural pela**

**Literatura: de 25 a 27 de outubro de 2006.** Campina Grande: UEPB, 2006.

XIII Encontro da ABRALIC  
*Internacionalização do Regional*

10 a 12 de outubro de 2012  
UEPB/UFCG –Campina Grande, PB

\_\_\_\_\_. **Um mundo singular: imaginação, memória e conflito na literatura hispano-americana do século XVI.** Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras/UFPE, 2005.

CORREIA, João David Pinto. Deslumbramento Horror e Fantasia. O olhar ingênuo na Literatura de Viagens, in. CRISTÓVÃO, Fernando (Coord.). **O Olhar do Viajante: dos navegadores aos exploradores.** Coimbra: Almedina e Centro de Literaturas de expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa, 2003. (Série Literatura de Viagens).

CRISTÓVÃO, Fernando (Coord.). Da *boa-fé* colonizadora à *má-fé* colonialista e racista, in. **O Olhar do Viajante: dos navegadores aos exploradores.** Coimbra: Almedina e Centro de Literaturas de expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa, 2003. (Série Literatura de Viagens).

FERREIRA, João Francisco. **Capítulos de literatura hispanoamericana: do século XV aos nossos dias.** Porto Alegre: Edições da Faculdade de Filosofia da URGs, 1959.

GRUZINSKI, Serge. **A Colonização do Imaginário: sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol – séculos XVI-XVIII.** [Trad. de Beatriz Perrone-Moisés]. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. **O Pensamento Mestiço.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil.** 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LAS CASAS, Frei Bartolomé. [s/d] **Brevísima Relacion de la destrucción de las Indias.** (<http://www.ensayistas.org/antologia/XVI/lascasas/3.htm>). Acesso 01.08.2007.

\_\_\_\_\_. **O Paraíso Destruído: brevíssima relação da destruição das Índias.** [Trad. de Heraldo Barbuy] Porto Alegre: L&PM, 2001.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais / Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

PAZ, Francisco Moraes. O Território do Outro, in. **A Poética da História.** Curitiba: Ed. UFPR, 1996.

TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América: a questão do outro.** [Trad. de Beatriz Perrone Moisés] 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZEA, Leopoldo (org.). **América Latina em suas idéias.** México d.f./Madrid: siglo veintiuno editores, 1993. (série América Latina en su Cultura – UNESCO).